

# AS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO ENTRE OS/AS JOVENS ESTUDANTES DO CAMPO: IDENTIDADES E MASCULINIDADES

Edilania de Paiva Silva<sup>01</sup>

Emanuela Oliveira C. Dourado<sup>02</sup>

## RESUMO

O texto aborda as relações sociais de gênero que ocorrem entre os/as jovens estudantes do campo e, apresenta contribuições da pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (PPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O interesse da pesquisa surgiu da prática profissional de uma das autoras que, ao atuar como coordenadora pedagógica numa escola pública de Ensino Médio, observa a insegurança da maioria dos/as profissionais da instituição no trabalho com a diversidade. A investigação busca compreender a realidade dos/as participantes, em seus contextos socioculturais, e se utiliza dos pressupostos pós-críticos, entrelaçando-os aos diálogos contemporâneos sobre a juventude. A opção metodológica considera a abordagem qualitativa e a Etnopesquisa, com utilização de questionário, tertúlias dialógicas culturais e observação participante, a partir do contato direto no cotidiano escolar. O estudo considera que os/as jovens estudantes buscam a afirmação e expressão de suas identidades culturais, apondo à escola a necessidade de repensar suas práticas pedagógicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude. Diversidade. Masculinidades. Gênero

THE SOCIAL RELATION OF GENDER BETWEEN BOYS/GIRLS STUDENTS FROM THE COUNTRYSIDE: IDENTITIES AND MASCULINITIES

**ABSTRACT:** This text approaches the

social relations of gender between boys and girls young students from the countryside and presents contributions of the study realized in the Post-Graduation Program in Education and Diversity (PPED), from the Bahia State University (UNEB). The interest in this study arose through the work of one of its authors, who works as a pedagogical coordinator in a public high school, perceiving the insecurity of most of the institution's professionals in dealing with diversity. The investigation aims to understand the participants' reality, in their social contexts, and uses post-critical assumptions with contemporary dialogues about youth. The methodological option considers the qualitative approach and Ethnography, using questionnaires, cultural dialogues and participant observation, from the direct contact in the school everyday. The study considers that the young students seek the affirmation and expression of their cultural identities, showing to school the need to rethink its pedagogical practices.

**KEYWORDS:** Youth. Diversity. Masculinity. Gender.

## INTRODUÇÃO

No final do século XX, com a emergência do fenômeno da globalização, um novo cenário foi configurado na sociedade gerando um processo de profundas mudanças nas estruturas sociais, políticas e econômicas, nas relações entre as pessoas, assim como nos padrões de produção e consumo. A expansão dos mercados e liberação das fronteiras com a comercialização de bens culturais, aliada ao avanço tecnológico enfraquece os referenciais tradicionais de iden-

tidade cultural.

Por sua vez, esse movimento de reconstruções globais favorece a formação da identidade da sociedade, através de trocas culturais onde estruturas, antes separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas sociais e culturais. Este contexto de mudança e produção de novas formas de posicionamento coloca as identidades como uma pauta necessária, fragmentando o sujeito moderno, que não mais se define por identidades fixas e estáveis, fazendo surgir identidades novas e globalizadas.

Há apenas algumas décadas, segundo Zygmunt Bauman (2005), a "identidade" não estava nem perto do centro do nosso debate, no entanto, atualmente, "a 'identidade' é o 'papo do momento', um assunto de extrema importância e em evidência" (BAUMAN, 2005, p. 22-23, grifos do autor). O autor argumenta que vivemos em um mundo líquido moderno, que nos projeta para um contexto de fluidez e incertezas, "num mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia e a insegurança são causadas pela vida em sociedade". (BAUMAN, 2005, p. 08). Desse modo, a identidade é uma construção líquida, fluida.

Na perspectiva das discussões contemporâneas e pós-críticas, cujos debates foram marcados pelas categorias dos estudos culturais e do pensamento pós-moderno, situamos os estudos de Stuart Hall (2015), definindo que a identidade é construída historicamente e, ao destacar a fragmentação das identidades, apresenta o sujeito pós-moderno. Para ele, nesse processo, convive um sujeito descentrado, composto não de uma única, mas de várias identidades, que são provisórias, ou não resolvidas, e estão em constante movimento.

Considerando as ideias explicitadas, o presente texto tem como objetivo central problematizar as relações sociais de gênero que ocorrem entre os/as jovens estudantes do campo, aliando os pressupostos teóricos pós-críticos em educação entrelaçados aos diálogos contemporâneos sobre a juventude. As contribuições apresentadas emergem das atividades desenvolvidas na pesquisa "Jovens... estudantes... e do campo: expressão da diversidade e diálogos sobre identidade em uma escola da cidade", realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (PPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

O interesse em investigar, colaborativamente, com os/as jovens estudantes do campo que estudam em uma escola da cidade e,

01 Mestra em Educação e Diversidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, Jacobina - BA. Coordenadora Pedagógica da Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia. E-mail: edipaivasn@hotmail.com.

02 Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da UNEB, DCHT, Campus XVI - Irecê e, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), Campus IV, Jacobina. E-mail: emanueladourado2003@yahoo.com.br.



compreender como esses/as constituem suas identidades culturais se justifica pela prática profissional de uma das autoras, que atua como coordenadora pedagógica em uma escola estadual de Ensino Médio. É bastante comum ouvir nos diálogos entre os/as profissionais docentes que os/as estudantes apresentam dificuldades de aprendizagem e não dominam as habilidades básicas, assim como demonstram suas inseguranças no trabalho com a diversidade presente na escola e, até especificam alguns aspectos que se manifestam no cotidiano da instituição.

Ainda prevalece na maioria das instituições sociais, inclusive na escola, uma lógica moderna que, historicamente, estabeleceu a norma de um sujeito masculino, adulto, branco, urbano e heterossexual, a partir de referenciais hegemônicos de um sujeito universal. Os grupos sociais que assumem posições diferenciadas desse perfil são vistos como desviantes da norma, ao mesmo tempo em que são alvos da desigualdade e das relações de poder que se manifestam na instituição escolar. Neste cenário, inserimos a pesquisa realizada, a partir de algumas indagações que direcionaram o estudo: Quais dimensões da diversidade marcam o perfil dos/as jovens estudantes do Ensino Médio? Quais aspectos constituem os seus universos socioculturais e quais elementos favorecem a sua constituição identitária?

Assim, este artigo foi organizado em duas seções distintas e complementares, as quais caracterizam um recorte da pesquisa realizada com os/as jovens estudantes. A primeira seção apresenta considerações sobre os aspectos metodológicos que nortearam a investigação, aliando-se ao perfil sociográfico dos/as jovens estudantes. Na seção seguinte, abordamos algumas questões que emergem na construção das identidades juvenis, entrelaçando aos pressupostos pós-críticos sobre gênero e identidade e narrativas dos/as participantes da pesquisa.

## 1 A TESSITURA DA PESQUISA COM OS/AS JOVENS ESTUDANTES DO CAMPO

Antes de apresentar aspectos da tessitura com os/as participantes, faz-se necessário destacar a concepção adotada na pesquisa, para o termo “juventude”. Aqui, a noção de juventude ultrapassa o conceito cronológico aliado à adolescência como transição da infância para a fase adulta e, acrescentamos a ela, aspectos sociais e culturais que são vivenciados por diferentes sujeitos em seus contextos. Nesta perspectiva,



considerando-a como categoria plural e dinâmica socialmente produzida, Carrano e Dayrell (2014) afirmam que a juventude é compreendida como uma construção histórica marcada pela diversidade cultural e por condições de acesso a bens culturais de forma desigual, que vai transformando-se com as mudanças sociais. Utilizamos o termo “jovem estudante”, visto que os/as participantes ocupam ambas as condições, na referida pesquisa.

O estudo investigativo, de natureza qualitativa, possibilitou a expressão das experiências e singularidades dos/as participantes, bem como revelou aspectos de seus universos culturais, a partir da Etnopesquisa. O trabalho de campo foi realizado no período de dezembro/2017 a abril/2018 e, para o levantamento e construção das informações foram utilizados como dispositivos de pesquisa, questionário, observação participante e tertúlia dialógica cultural<sup>03</sup>.

Considerando os princípios éticos da pesquisa, as informações construídas foram objeto de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de assinatura dos/as participantes e de seus responsáveis. Vale ressaltar, ainda, que o anonimato das fontes foi preservado sem a respectiva identificação no texto, motivo pelo qual a fala dos/as jovens estudantes aparece com pseudônimos, utilizando o nome das cores.

Na tessitura desse diálogo colaborativo com os/as jovens estudantes, costuramos posicionamentos e conversas teóricas com os pressupostos pós-críticos dos Estudos culturais e teorias pós-estruturalistas. Trazemos a ideia de Costa (2000) ao abordar que o sujeito unificado e todo poderoso da filosofia moderna é desconstruído e passa a ceder lugar a um sujeito descentrado, pós-moderno, despojado de uma identidade fixa, imutável ou permanente.

Ao afirmar o caráter múltiplo das identi-

dades, na proposta de Hall (2015), exige-se que os sujeitos assumam diferentes identidades, as quais podem mudar de acordo com o pertencimento a diferentes grupos e, o contexto social onde eles/as se inserem, bem como pelas posições da qual assumem e se identificam. Segundo Silva (2014), a afirmação da identidade significa demarcar fronteiras, implica dizer “o que somos” e “o que não somos”, fazer distinção entre o que fica dentro e o que fica fora.

Assim, o questionário solicitou respostas dos/as participantes da pesquisa sobre as conexões entre gênero e outros atributos identitários, tais como idade, pertencimento étnico-racial e religioso, localidade de moradia, distância entre a comunidade e a escola, entre outras, constituindo assim, um perfil sociográfico. Neste trabalho, não podemos considerar tais atributos de forma isolada, pois visto desta forma, implica na constituição de um perfil linear, dicotomizado sob a lógica binária, impedindo um olhar interseccionalizado.

De acordo Helena Hirata (2014), o conceito de interseccionalidade foi desenvolvido no início dos anos de 1990 e, se constitui como “uma proposta que leva em conta as múltiplas fontes da identidade [...]” (HIRATA, 2014, p. 62) e, como elas se intersectam formando identidades fragmentadas e em constante movimento. A autora aborda que este termo foi proposto por K. Crenshaw e outras pesquisadoras feministas negras, dentro de um quadro interdisciplinar, no contexto dos países anglo-saxônicos.

## A SOCIOGRAFIA DOS/AS PARTICIPANTES

A pesquisa contou com a participação de 20 jovens estudantes do Ensino Médio, oriun-

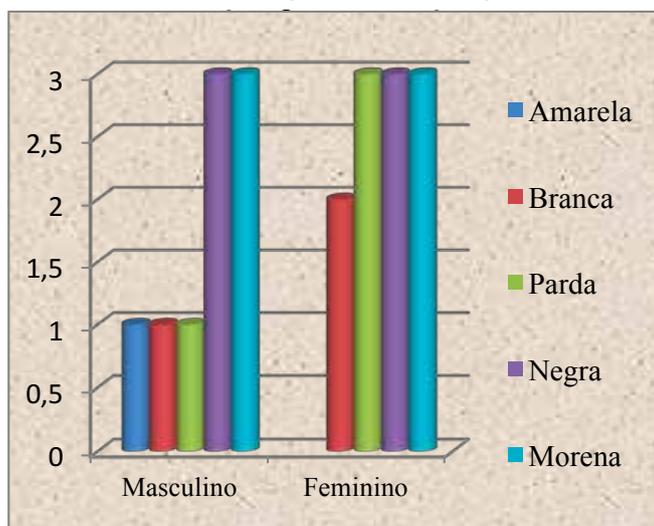
03A Tertúlia dialógica cultural consiste em uma atividade cultural e educativa, na qual são respeitadas todas as falas dos/as participantes e, pressupõe que o diálogo ocorre na relação que é estabelecida em torno do que cada pessoa pode trazer para a discussão, possibilitando a “aprendizagem dialógica” (Flecha, 1997 apud Mello, 2003).

dos de comunidades do campo, portanto inseridos/as em diversos universos culturais. Dentre estes/as 09 são homens e 11 mulheres, com faixa etária de 15 a 18 anos, sendo 16 estudantes que se situam na idade de 15-16 anos e 04 que estão com a idade de 17-18 anos.

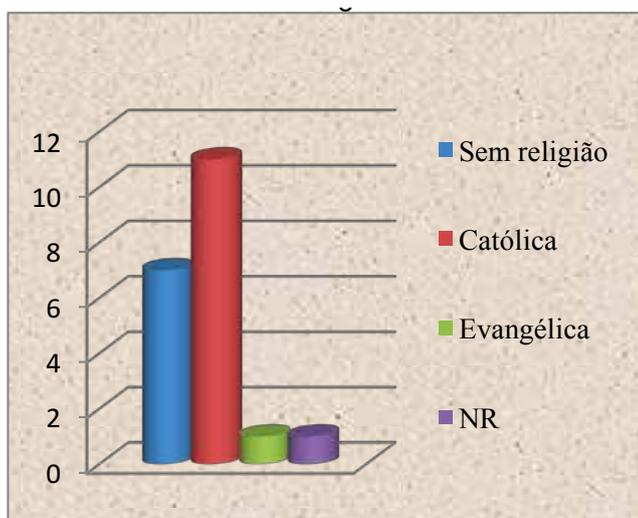
Sobre a relação entre o gênero e a raça/etnia, têm-se: para o gênero feminino 03 meninas que se autodeclararam 'morenas', 02 se definiram como 'brancas', 03 'pardas' e 03 'negras'; enquanto que os estudantes do gênero masculino 03 são 'morenos', 01 se autodeclara 'branco', 03 'negros', 01 se definiu como 'pardo' e 01 'amarelo'. A maioria dos/as participantes declarou ter alguma religião e, analisando cada pertencimento religioso, temos um grupo maior de estudantes que são da religião Católica Apostólica Romana (11), seguida por um grupo que respondeu não possuir religião (07). Ainda tem 01 estudante da religião evangélica, além de 01 que não respondeu sobre sua crença religiosa.

Os Gráficos 01 e 02 mostram o perfil dos/as jovens estudantes considerando a relação gênero/pertencimento etnicoracial e identidade religiosa, respectivamente.

**GRÁFICO 01: RELAÇÃO GÊNERO E RAÇA/ETNIA**



**GRÁFICO 02: IDENTIDADE RELIGIOSA**



Fonte: Questionários (2017/2018) / Legenda: \* NR – não respondeu

Dependendo de como o desejo sexual e os afetos de uma pessoa se mobilizam, por pessoas de outro ou do mesmo sexo, ou dos dois sexos, dizemos que a orientação sexual se define em heterossexual, homossexual ou bissexual. Ao serem questionados/as sobre a orientação sexual, dentre os/as 20 jovens estudantes do campo apenas 01 pessoa se declarou "bissexual", enquanto que os/as demais estudantes (19) afirmam que sentem atração sexual pelo gênero oposto, neste caso são "heterossexuais". Quanto à identidade de gênero todos/as os/as estudantes se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, portanto, "cisgêneros".

## 2 IDENTIDADES JUVENIS E MASCULINIDADES: AS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO ENTRE OS/AS JOVENS ESTUDANTES

As mudanças culturais que ocorrem na sociedade contemporânea implicam diretamente nos comportamentos e interesses, assim como na diversidade de experiências humanas, de acordo com as condições sociais e culturais existentes. Conseqüentemente, essas mudanças influenciam na constituição das identidades juvenis, trazendo novas exigências sociais e formas de participação nos universos culturais onde estão inseridos.

Durante a fase do trabalho de campo, foi possível captar algumas situações que revelam o silenciamento que emerge do cotidiano escolar sobre as questões de gênero, assim como os tabus manifestados no contexto familiar sobre as questões que envolvem a sexualidade, principalmente quando se trata das meninas, aliada ao conflito geracional na relação com suas mães. Dentre as cenas observadas, durante o preenchimento do questionário, destacamos o momento em que os/as participantes foram questionados/as sobre a identidade de gênero, orientação sexual e como se reconhecem. Uma das autoras registrou a seguinte cena.

Eles/as olhavam assustados/as e logo diziam: "Essa pergunta tem que ser explicada"; algum/a estudante falou: "É para marcar se é 'viado' ou 'sapatão' é?"; outros/as ao marcar a opção "heterossexual" ainda anotaram em seus questionários as expressões: "mulher", "homem", "homem e mulher". Um aluno, último a entregar o questionário, tinha "pulado", deixado de responder a pergunta que questiona o sexo dele: "Como você se identifica?" O estudante ainda não tinha marcado a referida questão e perguntou: "E esse sexo aqui, eu vou marcar o quê?" Ao questionar se o mesmo era do sexo masculino ou feminino, ainda teve dúvida e demonstrando não entendimento marcou que era do sexo feminino. Mais uma vez foi questionado a ele sobre o sexo a que pertencia e assim, revelando-se homem, apagou marcando no sexo masculino [...]. (ANOTAÇÕES DA PESQUISA, Novembro, 2017, grifos da pesquisadora).

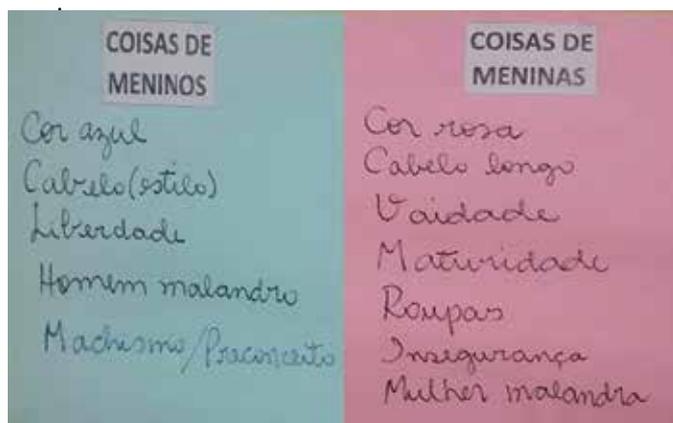
Para a situação/cena destacada cabe uma análise de como o termo gênero é interpretado e o modo como isso reorganiza a maneira de pensar dos sujeitos. Em se tratando dos/as jovens estudantes, em sua condição juvenil, como se expressam numa perspectiva de gênero, visto que eles/as foram solicitados/as a se identificarem como homens ou mulheres e se reconhecerem em relação a uma orientação sexual. Desta forma, Woodward (2014, p. 17) menciona que a identidade é marcada pela diferença e, ao mesmo tempo, afirma que as mudanças ocorridas nesse campo chegam a produzir uma "crise de identidade".

A situação/cena supracitada direcionou para a roda de diálogo, realizada na segunda tertúlia dialógica cultural intitulada "Juventudes, sexualidade e relações de gênero", visto que foram manifestados pelos/

as estudantes, durante a primeira tertúlia, o interesse e o desejo de participar de palestras sobre a sexualidade, drogas, entre outros temas. Para a realização da segunda tertúlia foi necessário organizar alguns materiais a fim de torná-la interessante e prazerosa para os/as participantes.

Desse modo, a segunda tertúlia foi iniciada com a contextualização da temática a ser abordada e, a partir da pergunta inicial “O que caracteriza o ser menino e ser menina”. As respostas deles/as foram registradas nos cartazes “Coisas de meninos X Coisas de meninas”, nos quais os/as participantes foram apresentando características para os gêneros, conforme figura 01.

FIGURA 01. COISAS DE MENINOS X COISAS DE MENINAS



Fonte: Informações da pesquisa, 2018.

Considerando o questionamento inicial, uma das participantes destacou logo a relação com as cores azul e rosa e, completou dizendo que, desde bebê, as famílias já fortalecem que azul é de menino e rosa é de menina. Na maioria das famílias, meninos e meninas são educados/as de modo diferencial, reforçando nas crianças os comportamentos e modos de ser e entender o mundo que mais se identificam com o que é culturalmente definido como mais apropriado ao seu sexo. Assim, já vão demarcando as relações de gênero como se algumas coisas pudessem para o menino e não para a menina e vice-versa.

Assim, o diálogo com os/as participantes identificou as expectativas e necessidades formativas deles/as e, foram apresentados e esclarecidos alguns termos acerca do tema, como sexualidade, homoafetividade, homo/lesbo/transfobia e, as diferenças entre sexo, sexualidade e gênero, entre outros conceitos.

Até meados da década de 1970, a definição para o termo gênero privilegiava uma posição essencialista que se relacionava ao sexo biológico, como algo naturalmente dado. Sobre o sentido do termo, a historiadora Joan Scott (1995) aborda que, através das feministas americanas, rejeita-se o determinismo biológico enraizado no conceito de gênero acentuando o “caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, p. 72).

Considerando tal conceito a partir das relações sociais e privilegian-do um enfoque relacional, afasta-se a perspectiva biologizante para entender “o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos”. (LOURO, 1997, p. 24). A perspectiva adotada neste estudo se alinha com a abordagem feita por Louro (1997), ao definir gênero como aquilo que identifica e diferencia socialmente os homens das mulheres, ou seja, refere-se à construção social do sexo biológico.

A partir da exploração dos cartazes da Figura 1, um jovem pontuou sobre o estilo do cabelo distinguindo que para os meninos é curto en-

quanto que para as meninas é cabelo longo e, finalizou dizendo que “mulher de cabelo curto fica esquisita”. (VERDE, 2018). Ao serem mais uma vez questionados/as outra jovem revelou que “as mulheres são mais vaidosas que os homens”. (VERMELHO, 2012). Outra participante contrapondo à fala anterior afirmou que “nem tanto, pois tem homem que é pior que as mulheres no quesito vaidade”. (ROXO, 2018).

Outras narrativas foram expostas pelos/as jovens estudantes que expressam a construção de comportamentos e formas de ser masculino e, como os grupos de convivência (família, igreja) participam ou influenciam nessas construções. Nos diferentes contextos sociais, ainda se conserva o referencial heterossexista definido pela sociedade patriarcal, em favor do masculino, determinando uma hierarquia entre os gêneros e reforçando a ideia de “inferioridade” feminina, construída socialmente ao longo da história.

A diferença que existe demonstra que homens e mulheres são tratados/as e educados/as de forma bem diferentes, pois socialmente, vai se construindo uma versão que coloca os homens como mais privilegiados que as mulheres. As desigualdades entre os sujeitos vão sendo manifestadas tanto nas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também nos horários que chegam e locais que frequentam e, sobre a responsabilidade e cuidado na vivência da sexualidade, conforme apresentam as falas de Vermelho, Verde e Bege.

A liberdade dos meninos é maior, ele pode, ele é macho, enquanto que para nós chega trinta minutos a mais do que a hora para ver. [...] As meninas têm que ter todo o cuidado, a responsabilidade é toda nossa (VERMELHO, 2018).

É, os meninos saem de casa num dia e chega na outra semana e as meninas não. Os meninos quando saem de casa, dizem ‘Já fui mãe’. Quando mãe pergunta que horas vou chegar, eu digo: - Eu vou saber. Os meninos vão chegar no outro dia (VERDE, 2018).

Só presta para engravidar e deixar para nós cuidar (BEGE, 2018).

Considerando as relações de gênero estabelecidas entre os/as jovens estudantes e como compreendem tais relações, observa-se que estão presentes nas falas deles/as os discursos hegemônicos e essencializados, visto que ainda prevalece um padrão heterossexista e machista que coloca a mulher “no lugar” de submissão. Além dos excertos das falas acima, a narrativa de Roxo (2018) também apresenta uma situação que reforça o entendimento preconceituoso e machista sobre alguns padrões associados ao ser homem e o ser mulher e, hierarquiza diferenças que, socialmente vão se construindo relações de poder e transformando as diferenças em desigualdades de direitos.

A questão do respeito está ficando raridade. Os meninos acham que quando uma menina tá com um minishort, uma minissaia, uma miniblusa eles têm que tá olhando, tem que tá pegando, tem que tá falando coisas que não são, assim, agradáveis. São meio machistas. Às vezes até os jovens da cidade quando sai para algum povoado ou até alguma menina de um povoado acha que por que eles são da cidade, eles têm o direito de chegar numa menina, chegar já beijando, chegar para ela já passando a mão, chegar já falando o que quer, isso a maioria, os da cidade (ROXO, TDC2, 2018).

Outra questão observada são as performances de masculinidades que estavam presentes nas falas dos meninos, durante a segunda tertúlia dialógica, que reforçavam a postura de homens para mostrar que

estavam prontos e preparados para exercerem a sua sexualidade, assim como demonstravam certo 'machismo'. Desse modo, isso foi manifestado: pelas analogias feitas a determinados comportamentos, "a mulher namora mais"; pelas diferentes adjetivações que são atribuídas às mulheres "não se chama mulher de malandra, chama mulher de 'mala'"; pela reação às pessoas de outra orientação sexual "as coisas para os homens tão sobrando pouca coisa"; e ainda, uma menina/participante mencionou "homem com homem deve ser engraçado".

Ao analisar as narrativas destacadas, ressaltamos a abordagem feita por Louro (2000), ao afirmar que

a masculinidade hegemônica constrói-se não apenas em contraposição à feminilidade, mas também em oposição a outras formas de masculinidade, por exemplo, a homossexualidade. Tornar-se masculino pode implicar na combinação de uma heterossexualidade compulsória associada à homofobia e à misoginia. (LOURO, 2000, p. 69-70, grifo nosso).

Nesta perspectiva, segundo Louro (1997) é preciso desfazer o pensamento dicotômico e polarizado em torno das relações de gênero e sexualidade, compreendendo ser necessário desconstruir as discussões que privilegiam o "caráter permanente da oposição binária". Na maioria das vezes, os binarismos concebem homem e mulher como polos opostos, uma vez

que pela expectativa dominante da heteronormatividade, os sujeitos são categorizados e estigmatizados para atenderem o padrão de normalidade definido pela lógica binária homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, etc.

Para a autora, a desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade e, menciona que os sujeitos que constituem essa dicotomia não são apenas homens e mulheres, mas são, ao mesmo tempo, homens e mulheres de diferentes classes, idades, religiões, sexualidades, locais de moradia, entre outras múltiplas identidades, com um perfil interseccionalizado.

A escola aliada a outras instituições sociais, como a família e a igreja, conforme Louro (1997; 2018), pratica uma pedagogia da sexualidade quando fortalece e legitima as práticas hegemônicas de uma identidade referência de homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. Para reafirmar esta perspectiva, Seffner e Silva (2014) mencionam que a masculinidade hegemônica é sempre destacada e reforçada, seja pela mídia, escola e igreja, seja pelos modos de viver a masculinidade no dia a dia e, como constituiu sua própria trajetória masculina no contexto social e familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das situações apresentadas e certos de narrativas dos/as participantes, desta-

camos que os/as jovens estudantes manifestam suas expectativas e interesses sobre a temática da sexualidade, visto que se encontram na fase dos conflitos, dúvidas e curiosidades. Porém, eles/as revelam que as práticas escolares não abordam as questões da sexualidade e relações de gênero, de forma aprofundada e/ou específica.

Porém, a partir da prática profissional de uma das autoras, percebe-se que a instituição escolar pesquisada realiza algumas ações de forma esporádica, através de organização própria ou em parceria com outras instituições, pelo Programa Saúde na Escola. Na maioria das vezes, essas ações reduzem a discussão da sexualidade na juventude aos temas da gravidez na adolescência e prevenção às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), com todos/as os estudantes juntos/as, impossibilitando-os/as de expor suas dúvidas e questionamentos, bem como esclarecer suas incompreensões sobre os assuntos mencionados.

As discussões sobre as relações de gênero e sexualidade não se reduzem às questões biológicas, mas sim nos arranjos sociais e nas diferentes formas de representação de masculinidades e feminilidades. Desta forma, exigem a atuação nos contextos sociais para a (des)construção de preconceitos e discursos naturalizados a partir de um ideal heteronormativo, bem como para pensar e questionar as relações de poder que implicam em desigualdades sociais entre homens e mulheres e, identidades reprimidas, de formas diversas das hegemônicas.

### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.
- BRASIL/MEC/SPM. *Gênero e diversidade na escola: formação de professores/as em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de conteúdo. V.1. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: MEC/SPM, 2009.
- COSTA, Marisa V. *Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura*. Texto apresentado no 10º ENDIPE – Simpósio Sujeitos e subjetividades na contemporaneidade, Rio de Janeiro: UFRJ, 29/mai a 1º/jun. 2000. Disponível em: <http://princípio.org/sujeitos-e-subjetividades-nas-tramas-da-linguagem-e-da-cultura.html>. Acesso em: 15 junho 2017.
- DAYRELL, J.; CARRANO, P. *Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola*. IN: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, Carla L. *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HIRATA, Helena. *Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. *Tempo Social*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>.
- LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, escola e identidade*. IN: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/46833/29119>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- LOURO, Guacira L. *Pedagogias da sexualidade*. IN: LOURO, Guacira L. (Org.). *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*, 4. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2018. p. 7-42.
- MELLO, Roseli R. de. *Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica*. *Contrapontos - Volume 3*, Nº 3, p. 449-457 - Itajaí, set./dez. 2003. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/740/591>. Acesso em: 20 março 2017.
- MEYER, Dagmar E. *Abordagens pós-estruturalistas da pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica*. IN: MEYER, Dagmar E.; PARAISO, Marlucy A. (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*, 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- SEFFNER, Fernando; SILVA, Luciano F. da. *Canetas coloridas ou mini-skates? coisas de meninas e coisas de meninos na cultura escolar*. *MÉTIS: história & cultura*, Caxias do Sul, RS, v. 13, n. 26, p. 31-60, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/3255/1849>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- SILVA, Edilania de Paiva. *Jovens... Estudantes... e do Campo: expressão da diversidade e diálogos sobre identidade em uma escola da cidade*, 2018, 213f. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) Universidade do Estado da Bahia, UNEB/ Jacobina, 2018.
- SILVA, Tomaz T. da. *A produção social da identidade e diferença*. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.